

A experiência da capoeira e a pobreza da educação física: uma reflexão sobre as práticas de atividade física

Alexandre Palma*
Jorge Felipe

Resumo

A partir dos textos "Experiência e Pobreza" e "O narrador", de Walter Benjamin, que discorrem sobre as relações sociais/ as experiências e pobreza culturais/ as riquezas e fragilidades da tradição e da identidade contida no passado e no mundo atual/ tornou-se convidativo refletir acerca das possibilidades de experiência da educação Física. Como ponto de apoio para esta reflexão foi utilizado a prática da capoeira. O objetivo do presente estudo/ deste modo/ foi identificar a riqueza de experiências ligadas à velha capoeira e a "banalização" com que são encaradas outras práticas de atividade física na contemporaneidade.

Abstract

Walter Benjamin in his texts entitled "*Erfahrung und Armut*" and "*Der Erzähler*", writes about issues such as social relations, cultural experiences and cultural's poverty, the richness and fragility of the traditions and identities in the past and in the present. These questions triggered a reflection about the possibilities of experience in physical education. Capoeira was chosen as the physical activity to be investigated. The aim of the present study was to identify the richness of the experiences related to capoeira and the lack of meaning of another physical activities.

PARA ENTRAR NA RODA

Após o intenso ritmo de desenvolvimento produtivo provocado pela Revolução Industrial, e, notadamente, nos dias atuais, a humanidade ficou subjugada à derrocada da transmissão e troca de experiências. Esta impossibilidade comunicativa, ao mesmo tempo em que busca os valores tecnicistas da contemporaneidade nas relações de mercado, nas recentes estruturas de organização do trabalho ou na comunicação de massa fica cada vez mais distante para a troca de experiências, gestos, histórias, afetos...

Eis que se depara com homens destituídos de crenças, de tradições. Percebe-se, de modo intuitivo, que seus laços culturais são lassos e frágeis. Falta-lhes, sobretudo, a experiência transformadora, cuja característica básica é "passear" no passado, sem perder a sensibilidade do presente, e aí construir os espaços como lugares, os obje-

tos como símbolos, os corpos como indivíduos, enfim, as relações como bens culturais.

Walter Benjamin sugere refletir acerca da cultura de um modo geral e, sobretudo, da apropriação das práticas culturais. A observação que se torna relevante, neste caso, é o da noção de tempo na contemporaneidade. Há um sensível descompasso entre o "tempo" imposto pelas relações sociais capitalistas e o tempo dedicado aos bens culturais. A tendência do primeiro é o da produtividade, da eficácia, da necessidade imediata, enquanto para o segundo está em jogo a alegria, o lúdico, a irreverência, a contemplação.

A capoeira, manifestação cultural nascida com os escravos no Brasil, é hoje uma das várias atividades físicas utilizadas pela população como forma de lazer. Este movimento folclórico, abrange, sem dúvida, vários signi-

ficados, ora aparecendo como luta, ora como dança, ora como jogo, ou ainda como atividade desportivo-competitiva. Contudo, parece estar perene uma sensação diferenciada em relação às outras formas de lazer. O capoeirista dá a impressão de existir num espaço que transcende a pura prática da atividade física em si.

E a capoeira, assim, estaria manifestando-se como um "estilo de existência", ligado a uma história da própria atividade, da cultura e do grupo em que pratica. Mas, em que pese tais afirmações, o quanto se pode considerá-las verdadeiras? Eis o problema deste trabalho.

Este estudo, então, objetiva identificar a riqueza de experiências ligadas à capoeira em contraponto à "banalização" com que são encaradas outras práticas de atividade física na contemporaneidade.

ESTRATÉGIA PARA O JOGO

Para realização deste estudo utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas, onde se buscou confrontar as falas dos informantes, bem como o que se ocultava, o não-dito. A fala individual pode revelar códigos e valores contraditórios, ou seja, ela pode possibilitar a revelação das condições estruturantes, dos sistemas de valores, símbolos e normas e, assim, transmitir as representações dos grupos escolhidos, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

Deste modo, interessava compreender o processo produtivo do discurso, antes de tentá-lo interpretar, na medida em que os membros de um mesmo grupo são produtos de condições específicas. Assim, utilizou-se a "análise do discurso" e a observação *in loco*.

Para tanto, foram escutados três antigos mestres de capoeira sem formação acadêmica e quatro professores de ginástica com formação em educação física. As entrevistas foram gravadas, com autorização dos informantes, em aparelho gravador portátil da marca "Sony" e transcritas pelos próprios pesquisadores. As observações *in loco* foram realizadas nos locais onde os informantes desenvolviam suas atividades.

JOGO DE EXPERIÊNCIA E TRADIÇÃO OU "MESTRE"

WALTER BENJAMIN REVISITADO

Nos textos "*Experiência e pobreza*" e "*O narrador*:"

considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", presentes em suas "*Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política*" (1996), Walter Benjamin discorre sobre a fragilidade das relações humanas no mundo contemporâneo. O filósofo anuncia que, na atualidade, cada vez mais os homens estão mais pobres em experiências comunicáveis.

Com Walter Benjamin, há de se compreender que o saber que vem de longe tem menos ouvintes que a informação sobre os acontecimentos locais. "O saber, que vinha de longe - do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição - dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata (p.203)".

O filósofo, então, insiste que as ações da experiência estão em baixa. A arte de narrar, pois "são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente" (p. 197); a experiência transmitida de boca em boca, pois os homens nada têm mais a transmitir; a experiência do corpo, porque pouco experimentaram; a faculdade de intercambiar experiências através de viagens, pois "quem viaja tem muito que contar (p. 198); parece tudo perdido, em vias de extinção. A nova forma de comunicação é a informação, que tudo sabe, que tudo vê. É a difusão imediata e efêmera. De fato, "a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento (p.204)".

O que Benjamin, nestes textos, alerta é a diferença entre as reais condições sociais da vida que se impõem na contemporaneidade e que suprime a tradição, especialmente a tradição oral, em detrimento a uma gama de novas informações. Ora, sua análise leva a crer que este distanciamento da experiência e tradição ocorre em toda parte da vida humana. Seja no trabalho com os ritmos acelerados, com as novas tecnologias a serem in(corpo)-radas e com as recentes e efêmeras descobertas científicas ou no lazer com ritmos igualmente acelerados e com as mais novas manias e modismos passageiros, e aí pode-se incluir a última forma de ginástica (aerofunk, power-yoga ou lambaeróbica), é possível, pois, fazer uma extensa lista onde a tradição vem sendo posta de lado.

De fato, o ofício perdeu seu saber e foi reduzido a um conjunto de poucos gestos repetitivos, que facilmente podem ser aprendidos pelo trabalhador menos experiente. Stella Penido (1992, p. 12), ao comentar sobre os textos de Benjamin, diz: "estamos na era das relações imediatas. O longo processo de iniciação do aprendiz no saber

do ofício do mestre foi reduzido ao adestramento do corpo diante da linha de montagem".

O trabalho é profundamente degradado e alheio a qualquer experiência. Nela a prática de nada serve. A experiência perdeu espaço para a vivência. Para Benjamin, a primeira significa um traço cultural enraizado na tradição, o qual consiste em dados acumulados que se combinam, por vezes, inconscientemente. Por outro lado, a vivência é esta outra forma de se relacionar consigo próprio e com o coletivo, nas sociedades capitalistas modernas, em torno de configurações específicas.

E como o trabalho tem sido uma categoria fundante do ser social, pode-se dizer que esta "vivência" do operário diante da tecnologia do processo industrial, este "embate do sujeito com uma série de colisões perceptivas, que o separam do mundo e impedem o acesso ao conhecimento por meio da experiência" (Martins, 1992, p.68), se estenda a toda vida coletiva humana.

Comentando sobre a Paris de Baudelaire, Benjamin (1997) anuncia: "é um tempo que não destrói; aperfeiçoa, apenas. É o contrário daquele tempo infernal, em que transcorre a existência daqueles a quem nunca é permitido concluir o que foi começado" (p. 129), e em outra passagem: "o homem da multidão não é nenhum flâneur. Nele o comportamento tranquilo cedeu lugar ao maníaco" (p. 121), e por fim ainda comenta: "(...) mas havia também o flâneur, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade. Que os outros ocupem de seus negócios: no fundo, o indivíduo só pode flânar se, como tal, já se afasta da norma" (p. 122).

É certo que Walter Benjamin não escapa ao tom nostálgico, muito comum aos autores que tratam do "desencantamento do mundo". Entretanto como cita Jeanne Marie Gagnebin (1994, p.64), uma das mais destacadas intérpretes do autor, "sua visada teórica ultrapassa de longe esses acentos melancólicos. Ela se atém aos processos sociais, culturais e artísticos de fragmentação crescente" e conclui que não se deve tirar daí uma tendência irreversível, mas, sim, possíveis instrumentos para reconhecer e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura.

MEIA-LUA DE COMPASSO NO DESCOMPASSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O termo "educação física", aqui, será empregado

para designar uma determinada linha de atuação, deste campo profissional, que atua com os indivíduos em idade universitária e de trabalho, orientando a prática de atividade física. Neste sentido, o termo refere-se às aulas, muito comum, de ginástica, musculação, "personal training", entre outros.

Assim sendo, os discursos dos atores sociais foram analisados e o mapeamento das marcas linguísticas, que se entremeavam nestas falas, despontaram para os sentidos que a atividade física representa para os distintos grupos.

A ação de "preparar o físico" aparece claramente como um marca linguística dentro dos discursos dos professores de ginástica. Dentre os sentidos que esta marca assume, desponta o caráter de promoção de "saúde, qualidade de vida e longevidade".

"o objetivo principal da ginástica, hoje, primordial, no meu modo de ver, é a qualidade de vida e saúde (...) acho que a gente tem que ter uma longevidade de vida e da melhor forma possível, né?"

A saúde, neste contexto, entendida mais como um valor de nossa sociedade, do que um direito de cidadania, a qual se identifica com a ausência de doenças e com o processo de culpabilização do doente, antes de compreendê-la como privação e reformulação e como resultante das condições de alimentação, habitação, trabalho, lazer, autonomia, acesso a serviços médicos, ou seja como resultado das formas de organização social da produção.

Nas histórias e conversas com antigos mestres, foi possível perceber que na capoeira a longevidade aparece para quem fez história. Nomes como Mestre Pastinha, Bimba, Artur Emídio, entre outros, estão imortalizados pela história da capoeira.

Outro sentido para esta marca linguística refere-se à "estética", a importância das formas corporais. Operação narcísica, do encontro do indivíduo com ele próprio, de valorização à aparência austera, de atenção obsessiva às formas.

"É preciso, também, estar em forma... cuidar do corpo, estar 'sarado'. O pessoal procura por isso".

No mundo atual, sustenta-se uma ideologia de consumo do corpo, onde o próprio corpo é veículo e destino. Neste mundo saturado de publicidade, a cultura visual do

músculo propicia puras lutas de aparência. Curioso é que embora se associe, pela lógica desportiva, músculo a movimento, muitas vezes, estas massas musculares não servem para nada, são puramente decorativas. Não servem para correr ou arremessar (Courtine, 1995).

Um terceiro sentido para esta marca é a do comportamento maníaco, do hábito estranho levado ao extremo. A preparação, aqui, abriga o sentido de "condicionamento", do mesmo modo que este termo, essencial à psicologia experimental, ganhou importância nos EUA após experimentos com animais.

"Eu busco sempre fazer com que ela faça aquele movimento de forma consciente, ou seja, que ela adquira isso até como hábito de vida do dia-a-dia, tipo vai pegar o peso no chão, como ela tem que agachar, vai puxar uma coisa, como ela tem que puxar esse... esse móvel ou coisa parecida, né?"

Do mesmo modo que a visão taylorista no trabalho, a atividade física hoje parece se configurar como uma possibilidade de cerceamento da criatividade e da autonomia.

É de Max Weber (1997, p. 120), a afirmação de que para o puritanismo "o esporte tinha que servir a uma finalidade racional: ao restabelecimento necessário à eficiência do corpo. Mas, era-lhe suspeito como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, e, enquanto servisse apenas como diversão ou para despertar o orgulho, os instintos, ou o prazer irracional do jogo, era evidentemente estritamente condenado".

Afirmção que pode encontrar ressonância em Michel Foucault (1994, p. 127): "a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)".

Ora, e o que o "Esporte-Participação" tem se proposto, senão aumentar as forças? Que sejam "forças produtivas" ou "forças de exibição", mas tão somente "forças". Segundo Courtine (1995), o corpo do "body-builder" pretende, tão somente, pesar no olhar do outro, impor-se. Assim, o corpo, e parece que com a educação física a reboque, está fadado à sua máxima produtividade mecânica. Trata-se de uma questão de aptidão, de preparação ao bom funcionamento da sociedade industrial.

Interessante, porém, é refletir para o fato da capoeira

ter nascido com os escravos, buscando a liberdade, a luta contra a escravidão. Talvez se possa dizer que a capoeira foi a primeira educação física, e talvez a única, que se assumiu como forma emancipadora.

Também foi possível constatar que a "dor" aparece como uma segunda marca linguística. Um dos sentidos encontrados refere-se ao "prazer".

"Fazer uma atividade localizada, de repente uma atividade mais pesada, mais intensa, que você sente dor durante a atividade, isso te dá prazer, me dá prazer".

Por que tanto sofrimento? Até onde é indispensável um grande sacrifício do corpo? Poder-se-ia supor que a "malhação" é um ato cultural que surge para alcançar um desejado prestígio, que a sociedade trata de reconhecer. Assim, parece que estão no imaginário as relações entre "boas" aulas, melhora do rendimento, "corpo perfeito" e sensação de dor.

E de onde surge e se impõe esta vontade? A partir de Nietzsche (1988) são possíveis algumas inferências para tentar compreender a articulação "corpo-sofrimento".

A finalidade do castigo surge na impressão de um estado de medo, que se torna um obstáculo ao esquecimento, assim as formas de sacrifícios, torturas ou ritos criam em si uma memória. Nestes procedimentos subsistem representações simbólicas indelévels.

Nietzsche (1988) cita: "o castigo teria o valor de despertar no culpado o sentimento da culpa, nele se vê o verdadeiro 'instrumentum' dessa reação psíquica chamada má consciência, remorso" (p. 86). Será que isto é algo que se revela em relação aos "gordos"? Ou ainda, em todos que buscam o "corpo ideal"?

Há muito, cabia a Igreja esta atribuição de culpa, e na inculcação de certos valores fazia valer seu poder. O pecado é o sentimento de culpa e exige a auto-flagelação, o auto-sacrifício para que se possa encontrar o "reino de Deus".

Ainda em Nietzsche (1988) encontra-se: "...a primeira indicação sobre a "causa" do seu sofrer ele deve buscá-la em si mesmo, em uma culpa, um pedaço de passado, ele deve entender seu sofrimento mesmo como uma punição (...) o doente foi transformado em pecador" (p. 160).

E se hoje a mídia substitui a Igreja, a causa do sofrimento será outra? Ou a interpretação deste sofrimento ainda não é uma sensação de culpa, medo ou castigo?

Interessante é que o encontro com o prazer, sem o ónus da dor, encontra-se no "não-trabalho". Paradoxalmente ao sentido anterior, a busca ao prazer foi enunciada fora do âmbito das aulas de ginástica. Na dissociação trabalho-prazer, a ginástica, para o professor, é o labor que não proporciona esta satisfação.

"Eu já vivo dentro de uma academia, então, eu na minha folga de lazer, de final de semana eu não busco, tá? na academia... eu busco... eu busco justamente alguma coisa que seja ao ar livre, uma caminhada, uma corrida na praia".

A busca do prazer, assim, ocorre longe do ambiente da academia, embora com atividades físicas repetitivas e, talvez, com os mesmos objetivos. A difícil libertação do "atleta" sugere uma busca nunca encontrada. Talvez por isso, as formas de execução destas estejam frequentemente mudando. Em contraste ao tédio da rotina é preciso aumentar a motivação e a oferta de produtos capazes de encorajar as pessoas (Courtine, 1995).

Por outro lado, é curioso como para o capoeirista a atividade "capoeira" envolve a dimensão imiscuída do trabalho-lazer. Na fala de um mestre antigo é possível encontrar o prazer no trabalho e a malandragem opondo-se ao labor de um emprego seguro: "eu tenho um outro serviço e eu estou afastado do serviço a quase um mês... vou lá bato o meu ponto e venho dar aula de capoeira... se eu vacilar eu vou embora, um serviço seguro".

Mas em que medida se pode relacionar a capoeira à possibilidade de receber, firmar e transmitir uma rica experiência? Uma das marcas linguísticas presentes no capoeirista é a "formação" do indivíduo, do ser social. Dentre os sentidos desta marca está a "identidade".

"É compor um grupo, né? Que é muito difícil de você compor um grupo, são várias cabeças pensando, né?"

Os encontros da capoeira, diferentes do que já foi exposto, são encontros do indivíduo com o coletivo, com o grupo e podem ser marcados por distintas manifestações culturais. Para aqueles que ainda não dominam as estripulias do corpo, se oportuniza participar com canto, palmas e ninguém está excluído. Para o toque do berimbau é preciso mais "história", mas todos experimentam da beleza de seus acordes e da brincadeira que se faz sob seu

ritmo. E deste ritmo se pode conhecer movimentos semelhantes: o maculelê, o jongo, o samba de roda, e assim a luta vira dança. Mas, para tudo isto é preciso saber escutar. São as histórias contadas por seu mestre, nas conversas sem hora marcada, de "viagens" a outros territórios, a outras rodas, dos "causos" vividos mundo afora.

De fato, como sugere Muniz Sodré (1996, p.65), ao comentar sobre a capoeira e a identidade, "para o 'homem da tradição', ser não significa viver, mas pertencer a uma totalidade, que é o grupo" e completa "pelo pertencimento o grupo faz-se imanente ao indivíduo, enquanto este reencontra-se no grupo".

O sentido da "educação" também aparece dentro desta marca linguística. Nesta perspectiva, as aulas de capoeira não tem a função do puro ensinamento da técnica, do contrário, se inserem como um espaço de educação, de educação física. Ao comentar sobre os benefícios da capoeira para o aluno, o antigo mestre comenta:

"Ser um bom ser humano... às vezes você tá bom de capoeira, mas de cabeça tu tá mal" ou "eu pretendo ensinar a eles... ensinar educação..."

Uma segunda marca linguística se inscreve na "excitação". Um sentido, aqui, é de "estimular" um estado diferente.

"Acho que se não arrepiar com um berimbau bem tocado, quem não arrepiou hoje não arrepia mais, tem vida não..."

Outro sentido refere-se à possibilidade de "experimentação". Deste jogo, o homem tem a possibilidade de provar de sua essência criadora, dramatizar, arriscar-se com os perigos de um pontapé e envolver-se com o misticismo e a religiosidade.

"Tu tá na corda bamba (...) fui batendo cabeça prá aprender e essas coisas de eu dar topada, cair, levantar, me limpar..."

É o jogo, como ensina Caillois (1958), em suas dimensões de competitividade (agôn), da sorte (alea), do simulacro (mimicry) e da vertigem (ilinx). Ao capoeirista é dado a possibilidade de competir e exercer suas habilidades. Em oposição ao "agôn" encontra-se a "alea", a sorte, que, por vezes, em suas andanças, o capoeirista precisa experimentar, pedir a benção e agradecer seu santo protetor com seu respeitoso sinal da cruz.

Na "mimicry" o indivíduo disfarça, dissimula, pri-

va-se maliciosamente de sua personalidade e forja outra para ludibriar do outro. O prazer está, justamente, em mascarar-se, disfarçar-se para se possa libertar a imaginação criadora. É preciso, pois, reavivar as emoções esquecidas. Ora, o próprio nascimento da capoeira se deu nesta mimese dança-luta.

Por fim, uma última categoria, a "ilinx", a vertigem, presente nos jogos de "São Bento Grande", de toque rápido e perigoso. Jogo de velocidade extrema e perigo constante, propicia um espasmo, uma "perda" da consciência, um êxtase.

CONSIDERAÇÃO PÓS "VOLTA AO MUNDO"

Hoje, alguns tentam imputar à capoeira dita "regional" a culpa para um suposto fracasso desta experiência na própria capoeira (Vieira, 1995), quando ela parece se apresentar descaracterizada, de jogo rápido e alto, agressiva e praticada por qualquer estrato social, talvez fosse interessante colocar que retirar-lhe a "aura" não significa perder a tradição, mas sim colocar-lhe à disposição dos indivíduos, não segregá-la. Como sugere Kamita (1992, p. 111) "autêntico é aquilo que mantém sua força originária, aquilo que se faz presente. Essa potência perene que preserva um conteúdo primeiro, que conserva e transmite integralmente uma certa experiência é o que se pode denominar tradição".

Em contraposição à experiência que irradia uma riqueza de emoções, percebe-se a miséria do hábito, onde o "habitante" do espaço busca adquirir o máximo possível para melhor se ajustar. A aptidão física parece estar servindo para deixar os sujeitos sociais aptos ao trabalho e a produção, esteticamente agradável aos padrões da mídia, ou simplesmente ocupar o tempo livre. À luz destas discussões, poder-se-ia concluir que a educação física está rigorosamente inserida nos "tempos modernos". As estratégias de mercado, de exibição, de publicidade, de aptidão, tão frequentes nas sociedades contemporâneas, mostram-se frequentemente presentes nesta prática.

Courtine (1995, p.64) comenta que o cuidado excessivo da forma do corpo tem penetrado nos tempos livre do trabalho e que, de fato, estas estratégias de desenvolvimento corporal, tentam ocultar qualquer cesura entre trabalho e lazer. É assim que as antigas condenações religiosas à ociosidade encontram, na prática rotineira de exercícios físicos, a possibilidade de enquadrar o tempo

individual num modelo de atividade contínua: "o exercício físico passa a ser um lazer às margens do tempo de trabalho e um trabalho instalado no coração do tempo de lazer".

Em contraposição, à miséria do hábito, onde o habitante busca adquirir o máximo para melhor se ajustar, é possível resgatar a experiência que irradia uma riqueza de emoções. A capoeira, ainda não totalmente contaminada, oferece resistência aos ritmos frenéticos e por se fazer presente e manter sua força originária preserva sua tradição.

Deste modo, para o indivíduo da capoeira, descortinar a história coletiva significa deflagrar a própria história individual e encontrar sua identidade. A educação física, por outro lado, vive uma "síndrome da civilização".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1958.
- COURTINE, J-J. Os Stakhanovistas do narcisismo: bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Denise B. de Sant'Anna (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GAGNEBIN, J.M. *História e narração em W. Benjamin*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- KAMITA, J.M. Considerações sobre a pintura e o cinema na obra de W. Benjamin. *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, 1992, n^o 6 (especial W. Benjamin): p. 110-121.
- MARTINS, M. Uma teologia do inferno: comentários sobre a dialética de Walter Benjamin. *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, 1992, n^o 6 (especial W. Benjamin): p. 65-89.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PENIDO, S. Proust: a experiência perdida e o tempo entrecruzado. *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, 1992, n^o 6 (especial W. Benjamin): p. 07-27.
- SODRÉ, M. Capoeira e Identidade. In: José Eduardo F. de S. e Silva (org.). *Esporte com identidade cultural: coletânea*. Brasília: INDESP, 1996.

VIEIRA, L.R. O jogo de capoeira. *Rio de Janeiro: Sprint, 1995.*

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo,
São Paulo: Pioneira, 1997.

UNITERMOS

Capoeira, atividade física e lazer, tradição.

**Alexandre Palma é mestre em Educação Física.*